

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si que modo  
comprehendam...

RELIGIAO E SCIENCIA  
LITTERATUR, E ARTES

... ad ea quae sunt prius extendens me ipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium tri-  
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

AD PHILIP. 3. 12.

ID 13. 14.

**SUMMARIO:**—Os Jesuitas e a imprensa revolucionaria do paiz I, por Elias de Sampaio.—Secção Religiosa: A santificação dos domingos e dias santos, (carta pastoral de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Sr. Bispo d'Angra); A maçonaria judaica, III, por A. Moreira Bello.—Secção scientifica: Os principios catholicos perante a razão, XIII, o estabelecimento do christianismo, por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigu.—Secção historica: S. Damazo, por José Carlos de Faria e Castro.—Secção critica: Coisitas! por um catholico; Ainda os missionarios em Barcellos, por um leitor do *Primeiro de Janeiro*.—Secção litteraria: *Coram Deo*, poesia, por M. F.; *Deus*, poesia, por Olympio Bonaldi; *Inimigos da instrução primaria*, por A. S. F.—Secção Illustrada: *Irração*—*Hospitais de S. Marcos*; *Ao sair da escola*—*O amor das Irmãs de Caridade pelas creancinhas*, por R.—Secção necrologica: —Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 14 DE DEZEMBRO DE 1886

## Os Jesuitas e a imprensa revolucionaria em Portugal

I

DESDE os berros atroadores dos jornaes de dez reis, que o vozear roufenho do garotismo, espalha pelas nossas cidades e villas, até ao pedante palrar dos bêbés da juventude; desde os artigos estirados das gazetas de grande formato té os rachiticos *suelto*s dos pequenissimos semanarios das pequenas povoações, só se ouve, só se lê, insultos contra os Jesuitas, tiradas bordalengas, arremços de phrases aprendidas entre o fumo do cigarro barato e o espumar do vinho da tasca reles, onde só a devassidão estaciona, onde a pelintragem se acolta para fugir ás vistas da sociedade culta.

Não vamos tratar, por isso, de sustentar polemica com esses escriptores sem consciencia, que, ou não tem dignidade, e fallam contra as suas proprias convicções, para agradar aos irm., ou são tão estupidamente reversos, que vendem a sua penna, a sua intelligencia (os que tem a ultima e sabem manejar a primeira) a uma causa que só se ha de levantar, quando a sociedade, a familia, a paz, a liberdade, de todo tiverem desaparecido da face da terra.

Não, não vamos medir nossas armas da honra e da dignidade, com esses bandoleiros do jornalismo, que desconhecem o brio e pondonor do cavalleiro valente e destimido, e que sabem unicamente blandir a arma cobarde do bandido, cravar no seio da victima inofensiva o punhal da calumnia.

Não é um combate que vamos sustentar com esses escriptores que são a deshonra do seculo desenove, porque nós, soldados da cruz, não podemos, não devemos, nem queremos manchar o nosso nome, tratando com os arlequins da imprensa, com os *pierrots* do jornalismo. E' mais nobre o nosso fim, é mais justo e santo o sen-

timento que nos anima o desejo de desfazer calumnias, de pulverisar falsidades historicas, de calcar aos pés os ignorantes, que veem á arena da publicidade apontar factos, citar documentos, que não conhecem, que não viram, que não leram, porque não são os homens do alconce e dos cafés, que costumam compulsar as historias, que desejam saber

E' pois, o nosso fim, aparar em nosso escudo de cavalleiro os tiros dirigidos á virtude e ao heroismo, e, depois de desfeitos, lançar os fragmentos á face dos estultos calumniadores, dos pedantissimamente ignorantes.

Dito isto, e sem esperar troco, que costume é nosso despresal-o, abramos um periodico sertanejo, que falle do Jesuitas.

O *Jornal de Basto!* E' do dia 6 de novembro e o seu segundo artigo está ensinado pela bomba do costume: *Os Jesuitas*. Pobres Jesuitas, que nem em Basto escapasteis! Onde vós fostes parar, á terra onde o vinho é gordo, encorpado, forte, capaz de pôr a cabeça d'um anti-jesuita a dar pelas paredes! Pobre Companhia de Jesus!.... O *Jornal de Basto* accusa a Companhia de Jesus de roubos de meninas, (lá mesmo em Basto, safal!) de ingratidões, e de certo de outros roubos e de outras muitas cousas feias, que só o Jesuita sabe praticar, mas que a policia, nem mesmo a do Marquez de Pombal, foi capaz de lhe encontrar. Verdade seja que a policia (caso estapafurdio!) em logar de trazer o olho sobre o lombo dos Jesuitas, espreita mais de perto os seus inimigos, e, como lhe encontra roubos maiores, vae trancando com elles a cadeia, dando-lhe ainda assim (caridade!) licença de, mesmo de lá, praguejar contra os Jesuitas. D'estes casos pode dar-nos noticias certas o redactor do *Jornal de Basto*, porque..... tem o escriptorio do jornal na rua da Cadêa, e.... cá por cousas.....

Mas, nem carecemos que nos diga nada que costumados não estamos das vidas alheias a curar; mostremos a incapacidade do escrevinhador de Basto em cousas de tanta monta, para que

não vá a boa gente de todos os Bastos, onde o *Progresso Catholico*, tem, certamente, mais leitores que o jornal mencionado, julgar que nós, por estarmos separados pela serra da Lameira, não ouvimos o dizer, se dizer é, do inimigo dos Jesuitas e das Irmãs da Caridade, que tambem entram em scena, ainda que por favor.

O primeiro elefante acastellado que o celeberrimo batalhador arremessa ao campo da liça, é o Breve de Sua Santidade o Papa Leão XIII, que veio restabelecer a Companhia de Jesus com todos os privilegios e immunidades de que a tinha esbulhado o breve de Clemente XIV.

Como dissemos o nosso fim é mostrar a ignorancia dos inimigos dos Jesuitas, e por tanto fazemos reparo já n'estas poucas linhas que de proposito sublinhamos.

Foi ordem dada á imprensa da jeringonça para dizer que a Companhia de Jesus esteve sempre fulminada pelo Breve *Dominus ac Redemptor*, e que só o actual Papa, o grande Leão XIII, é que a restabeleceu, e isto com o fim de mostrar aos papalvos que todos os Papas, desde Clemente XIV, tiveram a Companhia de Jesus debaixo de um Breve.

Pois senhores de Basto, e de toda a parte, não é assim. O Breve de Clemente XIV é datado de 21 de julho de 1773, e em 7 de agosto, de 1814, isto é quarenta e um anno depois, era firmado por Pio VII outro Breve, que revogava o anterior e restabelecia a Companhia de Jesus. Não sabia isto o jornalista de terras de Basto? Não admira, porque temos de lhe apontar outras muitas provas de ignorancia alem d'esta, no decorrer do nosso trabalho.

E para que fique sabendo algo, e para que tenha que agradecer-nos a não ser que seja um grande ingrato, aqui lhe deixamos o final do Breve de Pio VII.

Eil-o:

«Finalmente recommendamos muito em nome do Senhor a Companhia, e todos os seus membros aos nossos caros filhos em Jesus Christo, os il-

lustres, e nobres principes e senhores temporaes, bem como tambem aos nossos veneraveis irmãos os arcebispos, e bispos, e a todos aquelles, que estão constituidos em auctoridade: nós os exortamos, e conjuramos não só a não soffrerem que estes religiosos sejam de modo algum mal tractados mas tambem a vigiarem, que sejam tratados com toda a devida benevolencia, e caridade.

«Ordenamos que as presentes lettras sejam inviolavelmente observadas segundo sua forma e theor, em todo o tempo futuro; que tenham seu pleno e completo effeito; que nunca sejam submettidas ao juizo ou revisão de algum juiz, seja qual for o poder de que esteja revestido, declarando nulla, e de nenhum effeito qualquer intrusão nas presentes estipulações, seja com conhecimento ou por ignorancia, o isto sem embargo de quaesquer constituições e determinações apostolicas, especialmente o Breve de Clemente XIV de feliz memoria, que começa pelas palavras *Dominus ac Redemptor Noster*, dada debaixo do anel do pescador a 21 de julho de 1773, o qual nós expressamente revogamos em tudo o que for contrario á presente ordenação.

«É tambem nossa vontade se dê o mesmo credito ás copias, quer manuscritas, quer impressas, do nosso presente Breve, como ao proprio original, com tanto que tenham assignatura d'algum notario publico, e sello d'alguma dignidade ecclesiastica; que ninguem se arroge infringir, ou por audaz temeridade oppor-se a alguma parte d'esta ordenação, e que se alguém tomar sobre si tentar semelhante cousa fique sabendo que por isso incorrerá na indignação de Deus Omnipotente, e dos santos apóstolos Pedro e Paulo.

Dado em Roma, em Santa Maria, a 7 d'agosto de 1814; no anno XIV do nosso pontificado.

Assignados

Cardial Prodatario  
Cardial Braschi.

Que nos diz agora o empavesado escriptor de Basto, depois de ler o que ahí fica transcripto do Breve do Santo Padre Pio VII? Foi necessario que Leão XIII, o Papa que felizmente rege a Igreja de Deus n'estes tempos tão revoltos, se deixasse *mystificar* pelos Jesuitas, para os reabilitar ou estavam já reabilitados em nome do Papa, ha mais de setenta annos?

É por isso, carissimo irm.: quo antes já do Breve «*Dolemos inter alia*» — por toda a parte se manifestavam os trabalhos organisados d'esta infame seita (o que vos griphado são palavras textuaes do jornalista bastense); porque os Jesuitas, como acabamos de

provar, não careciam de ser reabilitados, nem o foram; o Breve de S. S. Leão XIII, como no alto do mesmo se lê, confirmou o que Pio VII fizera, porque diz: **sem prejuizo das graças concedidas por Pio VII etc. etc.**

Morto o primeiro elefante; lançada por terra a primeira machina de guerra assestada em Basto contra os Jesuitas, mas que, como as machinas assestadas em todas as terras, errou fogo, preparamo nos para lançar por terra as outras, ou melhor, para soprar a essas bolas de sabão, com que os pequenos inimigos dos filhos de Santo Ignacio julgam (ingenuos!) abater as bandeiras do mais aguerrido exerto da Igreja.

Até breve, que muito ha a dizer.

Elias de Sampaio.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### A santificação dos domingos e dias santos

Carta pastoral de S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Snr. Bispo d'Angra

*Evangelizare pauperibus misit me.*

O Senhor mandou-nos trazer boas novas aos pobres.

LUC. VI, 16.

I

**P**OSTOQUE idade avançada e graves molestias nos tenham afastado do governo desta nossa Diocese, continuamos com tudo a ser o Bispo d'ella, amados Filhos no Senhor, responsavel perante Deus pela salvação de vossas almas. Não podemos, portanto, deixar de nos interessarmos pelo vosso bem espiritual, e de a vós nos dirigirmos sobre um negocio mui importante; do qual os muitos e arduos trabalhos pastoraes e continuados incommodos de saude nos não permittiram nunca falar-vos, e que presentemente está merecendo a attenção e sollicitude de muitos Prelados e Associações empenhadas na honra e gloria de Deus nosso Senhor e salvação das almas. Referimovos á santificação dos domingos e dias santos.

A vós nos dirigimos particularmente, amados filhos no Senhor, de quem o nosso amavel Redemptor disse — que de vós era o Reino do Céu (1), e que o

bem que por vós se fizesse seria considerado como feito no mesmo Senhor (2).

Fullamos convosco, que gnhais o vosso pão quotidiano com o suor do vosso rosto (3), que soffreis litteralmente a pena imposta aos nossos primeiros Pais pelo seu enorme peccado, que se havia de transmittir a todos os seus descendentes; fallamos convosco, que passais uma vida cheia de trabalhos e fadigas, quasi sempre na pobreza e cercados de privações; mas que nem por isso deixais de ser uma das classes mais respeitaveis da sociedade; porque sois vós que cultivais os nossos campos, occorreis ás nossas primeiras necessidades, que preparais o nosso sustento, que fabricais os vestidos com que nos cobrimos, que edificais as casas em que habitamos... Porque sois vós uns segundos creadores, que, tendo nas vossas mãos toda a qualidade de industria e principalmente a agricola, abris com poderosas chaves as portas de todas as commodidades, de todos os gozos e de todas as riquezas!

Já pois que tão interessante é a vossa classe na sociedade, que tão grande é o numero das pessoas que a compõe; que merecestes taes desvelos do nosso amavel Redemptor, que se dignou pertencer á vossa classe, nascendo (4) e vivendo pobre (5), exercendo a profissão de carpinteiro (6); já que o caminho do Céu para vós é mais facil (7), por isso mesmo que sois pobres; e que o mesmo Salvador vos convida amorosamente a vós, que trabalhais e estais sobrecarregados com o peso das fadigas d'esta vida, a recorrer ao mesmo Senhor, afim de vos refazer e corroborar (8); permitti que Nós hoje, á imitação do nosso adoravel Salvador, venhamos trazer-vos boas novas, confortar-vos, e dar-vos um descanso saudavel no Senhor.

Sim, amados Filhos, não é a exigir de vós sacrificios dos vossos bens, do vosso tempo ou do vosso descanso, que Nós hoje nos dirigimos a vós, nem a prégar-vos uma moral austera, a

(2) Math. XXV, 40 e 43.

(3) Gen. III, 19.

(4) Luc. II, 7.

(5) Math. VIII, 20.

(6) Luc. II, 51.—Math. XIII, 55.

(7) Math. XIX, 23.—Luc. XVI, 22.

(8) Math. XI, 28.

(1) Luc. VI, 20.

persuadir-vos á penitencia, á oração e á abnegação das cousas deste mundo; não: todas as cousas teem sua occasião opportuna (1); é a persuadir-vos ao repouso e ao descanso, depois de terdes trabalhado,—a moderar o vosso demasiado zelo pelas cousas de este mundo, com deterimento da vossa vida e saúde e dos mandamentos do Senhor; — a inspirar-vos maior confiança na Providencia do nosso bom Deus, que sustenta as aves do Céu, que nem semceião nem cegão, nem juntão celeiros; e que veste os lirios do campo com melhor gosto e magnificencia do que Salomão se revestia no maior auge de sua gloria, sem que trabalhem nem flem, como nos diz nosso Senhor Jesus Christo pela bocca de S. Matheus (2); é a pedir-vos que attendais primeiro á vossa salvação, porque tudo o mais vos dará com suave trabalho o nosso Pai celestial, como acrescenta o mesmo Salvador (3);—é finalmente, amados Filhos em Jesus Christo, a pedir-vos—que santifiquéis e deis de boamente ao Senhor o tempo que Elle reserva para Si; que não trabalheis nos domingos e dias santos, que já são bem poucos entre nós;—que não roubeis ao nosso bom Deus aquillo que Elle mesmo vos dá para vosso bem e repouso; atin de que os demasiados trabalhos d'esta vida vos não tornem baldadas vossas excessivas deligencias, vos tragão as doenças e a morte, e, o que é mais—a perdição eterna; sendo infelizes n'esta vida e ainda mais na outra, que não terá fim.

(Continúa).

## A maçonaria... judaica

Continuado do n.º 2

III

**C**ONTINUEMOS a resumir, servindo-nos quanto possível das suas proprias palavras, o que escreveu M. Edouard Drumont acerca da origem Judaica da maçonaria. Realmente, um odio tam profundo como o que a tenebrosa scita professa ao christianismo e, por maioria da razão, á sua pura e verdadeira representação, o catholicismo, bem revela os instinctos fero-

zes e o rancor secular do povo deicida.

O dia em que Jerusalem viu derruir-se a sua grandeza passada, é uma inolvidavel recordação que as lojas teem cuidado de avivar incessantemente. Na cerimonia para o grau de Rosa-Cruz, a esta pergunta: «Que horas são?» responde-se:

«E' a primeira hora do dia, o instante em que o véo do Templo se rasgou, em que as trevas e a consternação se espalharam pela superficie da terra, em que se escureceu a luz, em que os utensilios da maçonaria se quebraram, em que a estrella flammejante desapareceu, em que a pedra cubica se quebrou, em que a palavra se perdeu.»

Barruel comprehendeu e explicou muito bem a significação d'estas palavras.

«O adepto diz elle (1), que seguiu na maçonaria o progresso das suas descobertas, não precisa de novas lições para entender o sentido d'estas palavras. Ahi vê que o dia em que a palavra *Jehovah* se perdeu, foi justamente aquelle em que Jesus Christo, filho de Deus, morrendo para salvação dos homens consummou o grande mysterio da religião christã, e destruiu toda e qualquer outra religião, judaica, natural e philosophica. Quanto mais um maçom for addicto á palavra, isto é, á doutrina da sua pretensa religião natural, tanto mais aprenderá a detestar o auctor e consummador da religião revelada; assim é que essa palavra que já encontrou nos graus superiores, já não é objecto das suas investigações n'este; é necessaria ao seu odio alguma coisa mais. E' lhe necessaria uma palavra que, na sua bocca e na dos seus coadeptos, recorda habitualmente a blasphemia do desprezo de horror contra o Deus do christianismo. E essa palavra encontra-a elle na propria inscripção posta na cruz.

«E' Sabido que estas letras, que formam o nome *Inri*, não são senão as iniciaes da inscripção *Jesus de Nazareth, Rei dos Judeus*. O adepto Rosa-Cruz aprende a substituir-lhe a interpretação seguinte: *Judeu de Nazareth conduzido por Raphael á Judeia*, interpretação que não faz de Jesus Christo mais que um judeu ordinario, levado pelo judeu Raphael a Jurusalem para ali ser punido pelos seus crimes.

«Logo que as respostas do as-

pirante provaram que conhece o sentido maçonico da inscripção *Inri*, o veneravel exclama:

«Meus irmãos, a palavra está recobrada»: e todos applaudem essa restea de luz com a qual o irmão lhes diz que aquelle cuja morte é o grande mysterio da religião christão, não foi senão um simples judeu, crucificado pelos seus crimes. Com receio que esta explicação se lhes apague da memoria, com receio que todo o odio de que ella os anima contra Christo selhes extinga no coração, será necessario que de continuo a tenham presente no animo. O maçom Rosa-Cruz a repetirá quando encontrar um irmão do seu grau. E' por esta palavra *Inri* que se reconhecerão, é essa a senha que distingue esse grau.»

Sympathia e ternura por Jerusalem e seus representantes; odio a Christo e aos christãos: toda a maçonaria está ahi. Não é pois mister muita perspicacia para reconhecer que a maçonaria é realmente, como diz o padre Davio, «d'origem inteiramente judaica; que os judeus, cuja mão se encontra em todas as seitas christãs, não cessam de apparecer-nos como os primeiros e os mais indomaveis directores da maçonaria (1).

Da instituição por elles fundada teem os judeus sabido tirar um proveito consideravel. Totalmente importante para constituir, como os arianos, uma jerarchia baseada nas nobres aspirações do ser humano, nas virtudes patrioticas e familiares no sentimento da honra e da dedicação, os semitas primam na politica dissolvente: quer se tracte de sociedades financeiras quer de sociedades secretas, sabem dar uma apparencia d'ordem e de seriedade aos appetites, aos maus instinctos colligados.

A associação maçonica tem sido um quadro em que teem entrado muitas cathogorias d'homens que se teem reconhecido alli por uma especie de mediocridade malfareja commum: os folgasões, os vaidosos, os preversos, mui timidos para obrarem sós e a quem um espirito de garantia pessoal levava a não se aventurarem senão com segurança.

Governada por mestres invisíveis e que ninguem suspeita, a maçonaria foi uma especie de judaismo patente, uma especie de quarto de rapaz, de escriptorio, de agencia, onde os judeus fraternisam com pessoas que não teriam querido receber em suas casas. Abri-

(1) Ecclo III, 1.

(2) VI, 26 e seg.

(3) Ibid. 33.

(1) Memorias para servir á historia do jacobinismo.

(1) Bossuet, Port-Royal et la Maçonerie.

gado atraz d'esta machina de guerra que o occultava, o judeu pôde fazer o mal, sem ser responsavel, chamando Abrahão por testemunha de que era partidario da tolerancia.

Uma observação que faz M. Edouard Drumont, é um novo argumento em favor na natureza judaica da maçoneria. O que precisamente caracteriza esta é um sentimento desconhecido antes d'ella, um sentimento verdadeiramente diabolico: o odio ao pobre. Em cada pobre nos manda a Igreja ver Nosso Senhor Jesus Christo: parece que a maçoneria é do parecer da Igreja, mas para aborrecer no pobre o Christo que persegue em toda a parte com odio tam furioso. «Nunca introduzaes na ordem, diz o I.º Beurnanville, senão homens que possam apresentar-vos a mão e não estender-vol-a». Para o I.º Ragon, a palavra pobreza «é a letra horrivel da maçoneria em França.» Para o I.º Bazot, o pobre, o maçõ que estende a mão, é um genio malefico que importuna por toda a parte e a toda a hora. «Nada pôde furtar-vos á sua importunidade, e a sua insolencia não conhece limites nem obstaculos. Apparece-vos ao levantar, quando trataes de negocios, quando comeis, quando sahis. Mais valera encontrar-lhe a mão armada d'um punhal; ao menos poderieis oppor a coragem ao ferro assassino.»

Nos dois volumes da sua obra notavel, *La France Juive*, M. Edouard Drumont apresenta a nação christianissima, invadida, enfeudada, dominada, perseguida pelo judeu; e prova com personagens e acontecimentos contemporaneos que essa atroz perseguição que tem por objecto as crenças, as pessoas e as coisas christãs, é obra da maçoneria, como esta é instrumento dirigido a seu talante pelo judaismo.

M. Constans, membro do ministerio perseguidor, declarou alto e bom som, n'uma festa maçõica em junho de 1885, respondendo a M. Laguerre, que fôra a maçoneria que impozera ao governo a expulsão dos religiosos. E este mesmo Constans, em agosto de 1880 depois da primeira execução dos decretos perseguidores, recebera uma palma da loja *Perfeita Harmonia* em remuneração dos seus altos feitos.

Oh! como a maçoneria, conforme declara sempre, não ataca a religião e é estranha á politica! E, por outra parte, como é *philantropico*,

odiando o pobre com a mais profunda aversão!

Entre nós,—provam-n'os os factos e os documentos,—toda a perseguição que ha cincoenta e tantos annos, ou melhor desde 1820, afflige o christianismo, tem tido a sua origem nas lojas maçõicas; e diariamente o odio da maçoneria a Christo se manifesta, quando não por outros modos, pela lama que lhe arremessa á face divina a imprensa impia e grosseira.

E depois de tudo isto, haverá ainda na maçoneria quem se tenha por christão, trabalhando em interesse dos sordidos, ambiciosos e traçõeiros judeus contra a obra divina do Redemptor? Não o cremos; para nós maçõ é, como o deve ser para todos os que pensam e lêm, synonymo de inimigo odiento de Christo.

A. Moreira Bello.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### Os principios catholicos perante a rasão

#### XIII

#### O estabelecimento do christianismo

(Continuado do n.º anterior)

**M**AS em que se fundam alguns incredulos modernos para accusar os antigos fieis do terem dado culto ao sol? Repetem a vulgaridade dos gentios, o fizem-se echo do impio Manes, que pretendeu seduzir os christãos do seculo III da Igreja com os absurdos erros dos dois principios: a transmigração da alma, e o culto ao sol, ao ar e á lua. Leam S. Agostinho e os antigos escriptores, examinem as historias d'aquelle tempo, e verão, se procederam do boa fé, que as crenças e praticas antigas não se distinguem das nossas crenças e praticas actuaes.

Nos sanctos Evangelhos, e nas cartas dos beinaventurados Pedro, Paulo e S. Thiago, se falla dos sacramentos, das indulgencias, do Purgatorio e das reliquias dos sanctos assim como da confissão; distribuiu-se a sagrada Eucharistia debaixo de ambas as especies aos fieis rounidos nas catacumbas, e o sagrado pão era secretamente levado aos horriveis calabouços em que os martyres aguardavam a sua gloriosa execução.

S. Thiago aconselha se chame o sacerdote para a assistencia espirital dos enfermos e para lhes administrarem a extrema-uncção, que apaga as reliquias da culpa.

A nossa Igreja observa os mesmos estatutos, ensinando sempre egual

doutrina, a doutrina que prégaram os Apostolos. E o nosso sancto. Papa Leão XIII é o successor verdadeiro de S. Pedro, é vigario legitimo de Jesus Christo, e crê e professa os mesmos dogmas que todos os pontifices confessaram.

São infalliveis as suas decisões em assumptos de fé e de disciplina e não é verdadeiro catholico quem se atrever a sustentar que as crenças primitivas foram alteradas.

Deixamos succintamente indicados os triumphos gloriosos da nascente religião; é necessario dedicarmos uma pagina á recordação das perseguições que soffrou.

O mundo estava debaixo do jugo dos Cesares romanos quando o Evangelho começou a ser prégado.

Para merecer o nome de christão eram necessarios grandes sacrificios sem esperanza de premio algum na vida presente, pois Jesus Christo disse: «ra que o seu reino não era d'este mundo; tornava-se por este motivo mui difficil a empreza de domar o orgulho dos nobres e a vaidade dos litteratos e philosophos.

Mas quando chegou a comprehender-se uma doutrina que estabelecia a sancta egualdade entre os homens e resgatava da escravidão repugnante as classes largo tempo escravizadas, os tyrannos da humanidade suscittaram cruel perseguição contra aquelles missionarios, sem se cuidar de aprender a sua moral desconhecida: o para destruir tão sublime e benefico ensino esgotavam os sabios todo o seu talento, os imperadores todo o seu poder despotico, abusos que a nova religião condemnava, e os costumes corrompidos oppunham obstaculos gravissimos e difficuldades repetidas.

Já S. Estevão e não poucos Apostolos haviam perecido em defeza da fé, quando Domiciano mandou matar seu primo S. Clemente e Néro S. Pedro e S. Paulo, dan lo principio ás perseguições geraes e aos juridicos assassinios que soffreram os christãos.

Traiano e Adriano decretaram prescripções egualmente sangrentas, e com mais horrivel crueldade as decretaram o feroz Diocleciano e o barbaro Magencio.

Os fieis eram accusados de todas as calamidades publicas; por este motivo decretavam-se destellos, encarceramentos e confiscações arbitrarías, e durante os tres primeiros seculos foi extraordinario o numero de victimas que succumbiram entre tormentos espantosos.

(Continúa)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

## SECCÃO HISTORICA

## S. Damaso

(Ao benemerito Director do Centro de Propaganda Catholica em Portugal, sr. Teixeira de Freitas)



DAMASO festeja-se a 11 de Dezembro, anniversario do seu fallecimento que teve logar em 384, excedendo o santo oitenta annos de idade.

Pontifice portuguez, no seculo 4.º, era natural de Guimarães, e o 39.º na serie dos pontifices romanos, havendo sido eleito papa em 366, aos sessenta annos.

S. Jeronymo na sua 30.º Epistola, louva a pureza dos seus costumes e denomina-o o *Doutor Virgem da Igreja Virgem*.

S. Damaso governou a Igreja Apostolica Romana com sabedoria, e contribuiu consideravelmente para o desenvolvimento das sciencias e da litteratura sagrada.

Reconhecendo o alto merecimento de S. Jeronymo, S. Damaso chama-o para junto de si na qualidade de seu secretario, e é a este sabio doutor da Igreja que encarrega fazer uma edição dos Psalmos, dos quatro Evangelhos e do Novo Testamento com uma taboada de concordancia.

O seu pontificado foi de dezoito annos, durante os quaes, S. Damaso, não só deu impulso á litteratura sacra, mas até ostentou maravilhosamente um refinado gosto pelas artes, enriquecendo muitas igrejas com obras de prata e mandando fazer numerosas pinturas representando as historias do Antigo e do Novo Testamento, principalmente na igreja de S. Lourenço, onde havia tomado as ordens sagradas e onde se viu ainda quatrocentos annos depois da sua morte.

Entre os mónumentos dignos de memoria que S. Damaso mandou fazer, contam-se duas basilicas; a de S. Lourenço junto do theatro de Pompen, que foi depois chamada de S. Lourenço *in Damaso*, e onde hoje está a sua sepultura; e outra na estrada Ardeatina, fora de Roma.

S. Damaso escreveu alguns opusculos, e uns quarenta epigrammas, inscrições, e epitaphios em verso, etc. que foram publicados em Pariz, com a sua vida, em 1672.

Aqui darei ao leitor o epitaphio que o nosso santo Confessor e Pontifice Damaso fez para si mesmo:

Qui gradiens pelagi fluctus compressit amarus,  
Vivere qui prestat moriontia semina terræ,  
Solvete qui ponit Lazaro sua vincula, mortis  
Post tenebras, fratrem post tertia lumina solis  
Ad superos iterum Mariae donare sorori,  
Post cineres Damasum faciet quia surgere  
credo.

Quer dizer em portuguez:

Tu que imprimiste teus passos por cima das ondas amargas, tu que deste a vida aos germines mortaes da terra, tu que pudeste soltar Lazaro dos laços da sepultura, do meio das trevas da morte, e dar a Maria Magdalena, após tres revoluções do sol, seu irmão resuscitado, eu creio que do meio do pó farás reviver Damaso.

Russia, 1 de Novembro de 1886.

Château de Raudany.

José Carlos de Faria e Castro.

## SECCÃO CRITICA

## Coisitas!

(AO CORREER DA PENNA)



SNR. Joaquim Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*, continua a tremer, *como varas verdes*, com medo dos *Jesuitas*. Assim o dá a entender no seu jornal em diversos numeros de outubro e novembro do anno de 1886.

Ali vem enumeradas todas as leis, decretos, bullas e mais ordens, civis e ecclesiasticas, contra a Companhia de Jesus e, todo aquelle conjuncto, entende o mesmo *senhor Conimbricense*, que é quanto basta para os nossos governantes não consentirem n'este *reino fidelissimo* nenhum d'esses *roupetas negros*.

Não se assuste, homem. Não se assuste, *senhor Joaquim*. Bem sabemos *si vera est fama*, que os *Jesuitas* foram os seus mestres, mas sua mercê já sabe hoje muito mais do que elles lhe ensinaram e não precisa de tornar para as escolas, que elles possam organizar em qualquer ponto do paiz.

Que teme d'elles? O *senhor Joaquim* já não é *menino para palmatoadas* e creemos que os seus mestres nunca lhe racharam as mãos com tal castigo.

Se, nas escolas dos *Jesuitas*, levou jas, comprar o bacalhau e o azeite; e á *sua meiu duzia*, agora *faça figas* aos *Jesuitas novos* (pois os que foram seus mestres, de certo, já morreram ha muito), e diga-lhes: «Não me pilhães lá nas vossas aulas. Bastam-me agora as minhas *collecções*, para eu ficar sabendo mais, que todos os *Jesuitas* do mundo, no passado, no presente e no futuro.»

\* \* \*

Mas o peor não é isso. O peor é, que o *senhor Joaquim Martins de Carvalho* vê *Jesuitas* em toda a parte. Vê-os de todos os feitios e tamanhos. Vê-os nos collegios. Vê-os em qualquer irmandade; em qualquer associação religiosa; em qualquer coisa, que tenha caracter monastico, seja qual fór a sua denominação, o seu fim, a sua regra e o ves-

tuario dos seus membros; em fim, em tudo o que seja religioso e especialmente catholico, temos logo *Jesuitas pela prôa*. E' uma praga, como qualquer outra. E o que se lhes ha de fazer?

E' dar-lhes *cacetada bravia*, arrumarlhes com tiros para a frente, petroleo, agua-raz, dynamite, tudo, tudo, o que possa concorrer para anniquilar essa praga, esse *phyloxera*, essa *epidemia*.

E seja isso sem demora, porque se assim vai, estarão, dentro em pouco, feitos *Jesuitas* os proprios typographos do *Conimbricense*! E quem sabe? Talvez esteja convertido em *Jesuita* o proprio *senhor Joaquim Martins de Carvalho*, com tanto que não haja ordem em contrario.

\* \* \*

O mesmo *senhor Carvalho do Conimbricense* dizia, ha tempos, «acabaram-se os conventos, mas temos creados para nos servir.»

Quer isto dizer, que o *senhor Carvalho* não quer creados de pouco mais ou menos; quere-os, que já tivessem sido frades ou, pelo menos, os que pelas suas habilitações e intelligencia, estivessem aptos para frades.

O que, porem, faz admirar é o *senhor do Conimbricense* fallar em ter creados!!! Nada, nada. Isso não está em harmonia com as doutrinas, que sua mercê advoga, defende e explica.

Sua mercê quer egualdade. Logo não deve ter creados, por que estes não podem ser eguaes aos amos.—Quer liberdade. Logo não deve ter creados, por que elles não podem ser livres, visto terem de estar sujeitos ás ordens dos mesmos amos.—Quer fraternidade, mas de certo não passará com os seus creados, não os sentará á sua meza, não os tratará como irmãos, mas sim como seus inferiores.

Alem d'isso tudo, quer e proclama a democracia. Ora, um *democrata* não deve ter creados. Vai elle mesmo á fonte

buscar a agua e lavar a roupa; ás lo-praça, comprar as couves e mais arranjões para sua casa. E nada de chás, cam-fés, vinhos finos, chuculate, licores, charutos, doces, e outros mimos.

Quem é *democrata*, não deve passar de comer uma tigella de caldo de feijões com couves, alguma sardinha com bron e batatas, e uma pinga do *rascante* e algum migalho de carne de porco.

Isto é o que devia ser. Mas vão lá dizer-l-o a esses *democratas*, a esses *amigos do povo*, a esses inimigos de *fidalguices*, e verão, se elles não appellam logo para a sua *posição social* e para os seus *merecimentos* e não chamam ao poder, vo *arratá meuda* e o não tratam como *senhor* e *batatas*, e uma pinga do *rascante* e algum migalho de carne de porco trata estes animaes.

\* \* \*

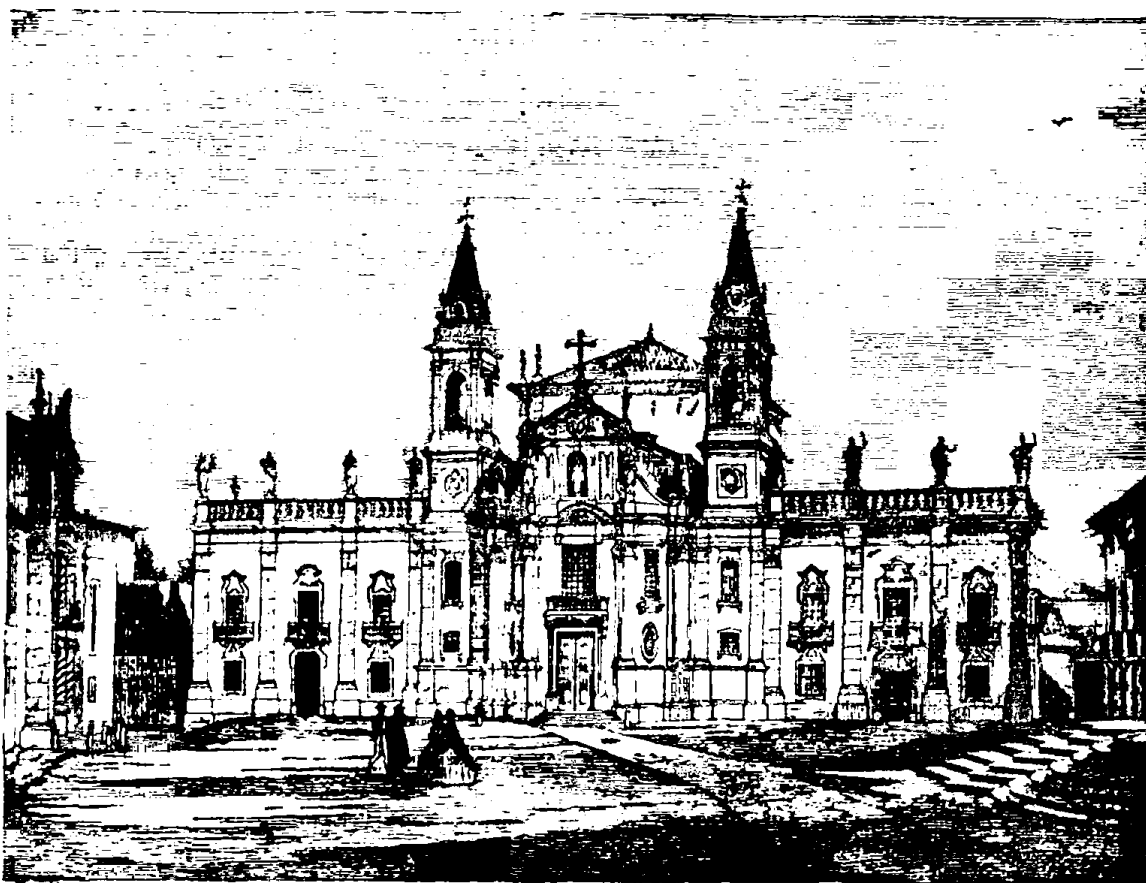
Mas não é só o senhor do *Conimbricense* o que se teme dos *Jesuitas*. Ha muitos outros jornalistas, que pregam a guerra contra o clericalismo. Ainda ha pouco, o *Bejense* se mostrava muito satisfeito por ter sido apedrejado um bispo, que ia muito socegado na sua caruagem e applaudia o procedimento de um cocheiro e de outros individuos, que, sem mais nem menos, deram uma carga de pancadaria em dois (ou mais) clérigos, que voltavam de uma festividade!

les, com predicas e com outras coisas egualmente favoraveis a elles.

Se morre, de pouca idade, uma freira, uma irmã de caridade, uma recolhida n'um convento ou mesmo qualquer creada d'ali; já os periodicos no gosto do *Conimbricense*, do *Povo de Aveiro*, do *Bejense*, do *Seculo*, et reliqua, dizem, que morreu uma victima das hy-pocresias, das penitencias, dos cilícios, dos jejuns, das fomes, dos frios, das faltas de comodidades, da ausencia dos carinhos da familia e d'outras coisas.

Disse-me pessoa fidedigna que o Silva Esteves, o republico escrevinhador que ficou retratado na pagina 128 do 8.º volume d'esta Revista, já não está em Barcellos! Fugiu d'ali, não sei porque, deixando a nobre villa sem..... luzes! A fugida do rapaz foi o mesmo que um eclipse total para Barcellos! Isso foi, sem dúvida. A penna brilhante do rabisrador faz n'aquella villa uma falta consideravel e irreparavel!

Pois é verdade. O Silva Esteves que



BRAGA — HOSPITAL DE S. MARCOS

E então?!

Para certos sujeitos tudo é máu nos conventos e tudo deve ser motivo para elles acabarem.

Se são ricos, não deviam existir, por que estão ali as riquezas agglomeradas, em quanto pessoas pobres estão a morrer de fome e a propriedade tornar-se-ia, dentro em pouco, sómente dos taes conventos, em quanto o resto do paiz não possuiria um palmo de terra. Alem d'isso, essas riquezas faziam com que os frades, possuidores d'ellas, se tornassem soberbos, altivos, mandriões, estúpidos, embrutecidos e influissem nos destinos do paiz e na politica.

Se os conventos são pobres, são prejudiciaes, por que encommodam as povoações visinhas com *peditorios*, com empenhos para testamentos a favor d'el-

d'esta *ludainha* quasi interminavel.

Se, porem, morre de 70, 80, 90 ou mais annos, já os taes jornaes dizem, que não admira, que vivesse tanto tempo, pois tinha boa *trincadeira*, bebia boas pingas, dormia quasi sempre, não tinha que fazer, não tinha cuidados, *passava a regalada*, tinha vida de mandrião e de porco, que está na seva.

Como estes, são muitos dos argumentos dos *republicueiros* e inimigos de tudo o que seja catholico.

E' o caso de lhes applicar o dicto: *Prezo por ter cão e prezo pelo não ter. Um catholico.*

### Ainda os missionarios em Barcellos

UMA novidade para a mór parte dos leitores do «Progresso Catholico».

fôra enxotado do seminario de Sernache, o Silva Esteves que depois rabiscou n'um jornal da Povoia de Varzim, e que respondeu juntamente com outros *seus irmãos* a uma policia correccional por insultos á moralidade publica, o Silva Esteves que, sendo corrido da Povoia, se *aninhou* em Barcellos, escrevinhando na «Ideia Nova» e na «Gazeta do Povo» contra os missionarios, está agora..... sabem onde? No Porto!!!!

Sim, senhores. no Porto, na segunda capital d'este reino *fidelissimo*, na cidade da Virgem, é onde está hoje o republico Silva Esteves, fazendo *luzir* com a sua *esplendida* penna o jornal republicano—«A Discussão».

Hão de ser *encantadoras*, como sempre têm sido, as *discussões* do pobre



AO SAHIR DA ESCHOLA

O AMOR DAS IRMÃS DE CARIDADE PELAS CREANCINHAS

o desgraçado rapaz que não pára em parte nenhuma!

Seria elle o que rabiscou o pasquim que acabamos de analysar? Seria elle, o tal Silva Esteves, o que disse tanta asnice, tanto disparate, tanta contradicção? Se foi, está bem no Porto; tem lá as ordens o hospital do Conde Ferreira onde poderá pousar *gratuitamente*, visto o rapaziinho ser muito pobre de... juizo.

Dada a novidade, vamos agora ao que prometti — ao protesto dos ill.<sup>mos</sup> sars. proprietarios de Encourados, que se acha inserido no n.º 201 do «Tirocinio», jornal barcellense. E porque o protesto é longo, vou publicar hoje aqui parte d'elle, ficando o resto para o numero seguinte.

Eis o protesto:

#### «COMMUNICADO

«Sr. redactor:

«Tendo o jornal a «Ideia Nova» distribuido um supplemento ao seu n.º 19, alludiendo a certos factos que prendem com a missão que teve logar em Martim, era nosso proposito, usando do direito que a lei nos concede, fazer alli publicar o presente communicado; como porém esse jornal suspendeu a sua publicação, rogamos-lhe a lineza de o fazer inserir no «Tirocinio», para que o publico fique sabendo como esses factos se deram.

«Encourados, 16 de Março de 1886.

«Manoel Luiz Simões

«João Chrysostomo Lopes Corrêa

«José Custodio da Silva Corrêa

«Manoel Antonio Coelho de Araujo

«Feliciano Antonio Lopes.

#### «MISSIONARIOS

«Os abaixo assignados, proprietarios de Encourados, tendo lido o supplemento ao n.º 19 da «Ideia Nova» que, muito de proposito e com todo o interesse, foi introduzido (certamente de noite) por emissarios d'aquelle periodico de Barcellos, por baixo das portas d'alguns habitantes d'esta freguezia e de Martim, veem por este meio protestar perante os homens serios, honrados e dignos, contra as calumnias, mentiras e insultos que encontram no referido supplemento, parte, naturalmente, do precioso bestunto d'algum «bandido assalariado» de certos «coios» d'essa terra.

«E' questão de missionarios, de periclitar a familia, de perigar a patria, de espachelamento e anarchia social, e d'outros palanfrorios estafados mas bombasticos, que traz a papeleta infame, para impingir aos incautos os idiotismos da tal «ideia» e os ideaes dos seus «coios» idiotas.

«E, note-se, é questão «muito grave», porque o patriota assalariado, auctor do «nefando» pasquim, invoca em seu auxilio, no meio d'um ridiculo espartoso, os «liberaes de todas as cores», e o que mais é, os «patriotas honrados». Mas logo em seguida (que pouco pejo e nenhuma vergonha) atreve-se a convidar aquelles «patriotas honrados» a erguerem a «bandeira preta da vingança» (note-se) certamente para formarem algum prestilo *solenne*, em que todos caminhassem raivosos e enfurecidos, pela estrada da mentira e da indignidade, entoando, em côros infernaes, as calumnias ascorosas e nojentas, que o desbocado supplemento barafusta, e as mais que teria a idiotar pelo mesmo diapasão.

«Não, reles discipulo de Voltaire e mais confrades; o povo honesto e bom nada quer com semelhante irmandade, desiderivos (?) n'este ponto, e não gasteis tanta polvora bombardeira.

«Mas appareçam as mentiras do supplemento. E' mentira ter vivido Anna Pinheiro em Martim; é mentira—«que ella foi levada para Braga em carro fechado, acompanhada por uma beata»; é mentira—«deixar ella uma filhinha sem agasalho»; é mentira—«que ella parte de Braga para Lisboa».

«E' mentira—«que Felicidade Augustina, seduzida pelos missionarios, fugiu de casa»; é mentira—«que ella deixava uma innocente filhinha»; e mentira—«que estava para entrar em um carro fechado, que a esperava na estrada»; é mentira, por conseguinte—«que na occasião em que estava a entrar no carro ouviu a creança chorar em altos gritos». Eis aqui os dous roubos de mulheres a que se refere o supplemento, onde só vemos mentiras!

«Agora mostremos a verdade para desmascarmos semelhantes deturpadores.

«Anna Pinheiro, solteira, natural de Encourados, onde tem vivido com sua familia, teve duas filhas, resultado das relações illicitas com um homem casado da mesma freguezia. Pertence a uma familia honesta e pobre, que vive desgostosa e envergonhada com o procedimento da filha, a qual tambem concordia, d'este modo, para aggravar cada vez mais a sua pobreza, pois até obteve do municipio subsidio para aquellas creanças. Já ha muito que esta familia suspirava por subtrahir a sua filha ao homem que a desgraçava, e só ultimamente, com o conselho e protecção de pessoas serias e honestas d'esta freguezia, conseguiu que ella fosse admittida no collegio da Regeneração em Braga.

As meninas, já creadas, ficaram entregues à familia, que, satisfeita com a resolução da filha, prometteu não lhes faltar com caricias, agasalho e alimentos, conforme as suas posses. Foi para Braga a pé e por sua muito livre vontade, e a contento da familia e da gente séria.

«Felicidade Augusta, casada, vendeira, e que vive em Encourados com um filho que tem de cinco annos de idade, em uma casa arrendada, dirigiu-se muito livremente a algumas pessoas d'esta freguezia, pedindo para lhe conseguirem entrada no mesmo Collegio da Regeneração. Foi certamente levada a procurar esta casa, por ouvir a doutrina moralisadora e civilisadora ensinada pelos missionarios, em Martim, reconhecendo que devia suster os passos no caminho do mal e da deshonra. Depois, não sabemos porque razão, suspendeu a resolução salvadora que tinha tomado.

Se realisasse o projecto que fizera, ficava o filho com a avó, que da melhor vontade o agasalhava.

«Mas deve saber a «ideia» que, ainda no caso de ella ser induzida pelos padres a entrar no Collegio, ninguém podia dizer por esse facto que laes padres ou seus emissarios eram perturbadores da familia por arrancarem da companhia do marido uma esposa fiel, etc., etc. E ninguém o podia dizer porque Felicidade Augusta, por sua infelicidade, vive aqui separada de seu legitimo marido, que reside n'uma freguezia muito distante d'esta. Além d'isso é fama que o marido a despresou por infiel, e actualmente continúa a escandalisar esta freguezia, dizendo-se até que mantém relações illicitas com um homem casado, o qual bem precisa cuidar dos muitos filhinhos que tem. E não seria um bom serviço à religião, à moralidade, à patria e à familia, regenerar esta mulher, que ainda poderia viver honestamente na companhia de seu marido, e dar bom exemplo e educação ao seu filhinho?

«Mas a «ideia» que não concorda com esta doutrina é porque approva a immoralidade e o adulterio, não quer o bem da familia e da sociedade, e, por conseguinte, é um jornal indigno de entrar n'uma casa honesta e séria».

«Paremos aqui.

Então, *bons leitores*, o protesto não mette n'uma bota o *pasquineiro*? Não o esmaga com o pézo da verdade? Se o rabiscador fosse pessoa de juizo, quebrava a penna, e nunca mais rabiscava para o publico.

Agora só lhes peço que confrontem esta parte do protesto com as muitas mentiras e calumnias que o pasquineiro escreveu, e que publiquei na pag. 22 d'esta Revista. Façam-n'o para melhor verem a nenhuma sensatez e o muito atrevimento do «bandido» pasquineiro.

Um leitor do «Primeiro de Janeiro».



## SECÇÃO LITTERARIA

## Cora n deo

(N'um album)

Soergue os olhos teus ás cúpulas do espaço;  
numera os puros sóes que alli fulgindo estão;  
repara com que nulo o omnipotente braço  
sustem collossos laes em perennal arção.

Baixa-os depois ás vagas: vê que estreito abraço,  
de manso e manso, a pôr na riba argentea vão;  
mysterios vai sondar, da selva no regaço,  
no gigantesco cedro ou seseli do chão.

Mostram-te o astro e a flor prodigios a milhares;  
do érmo a terra rubida; o homem que ama e cré...  
Mas quem dá vida e leis... ao céo, á terra, aos mares?...

E' Esse, que o infinito d'um polo a outro vê,  
de mundos plenas mãos soltou no azul dos ares,  
os passos te examina e os pensamentos lê.

M. F.

## Deus

Que ignoto poder, qual forte braço  
Por ventura será, que traz suspenso  
No vacuo do infinito o sol immenso,  
Gota de luz no fundo azul do espaço?

Que artifice ideal, que genio excelso  
Se pode conceber, que conseguisse  
Fazer que de poeira vil surdisse  
O ceo, a terra, o mar, todo universo?

Quem o homem formou? Qual atrevida,  
Mão extranha foi essa que tomando  
Do barro estatua fez, na qual soprando,  
Communicou-lhe movimento e vida?

Quem cavou tão profundo o mar, dizei-o,  
E encheu-o d'agua que proveio d'onde?  
E a baleia, esse monstro, que elle esconde,  
Que origem terá ella? d'onde veio?

E o rio que serpeja, o valle, o monte,  
E a aurora matinal que os ceos esmalta,  
E a lua que irradia e que arrebatá  
Quando soberba assoma no horisonte?

E a flor tão melindrosa que é do prado  
Brilho, encanto, fulgor, belleza e graça.  
E a viração que chora e canta e passa,  
E o colibri das veigas namorado?

E os passarinhos que nes trinos seus  
Pejam o ar de mystica harmonia,  
E a noite escura ou clara, e o claro dia...  
Quem tudo allim creou que existe? — Deus —!

Recife, Agosto de 1886

Olympio Bonald (1)

(1) Apresentamos a nossos leitores este mimo-  
so poeta brasileiro, que pela vez primeira honra  
o P. Catholico com a sua collaboração, que muito  
agradecemos.

(N da redacção)

## Inimigos da Instrucção primaria

Discurso recitado nas conferencias peda-  
gogicas do Leiria em 1886 pelo  
professor

A. S. F. (1)

**M**EUS senhores:—Eu creio  
que é este um dos pon-  
tos mais melindrosos pa-  
ra resolver.

Tem-se escripto e escreve-se  
quasi todos os dias sobre este  
assumpto, e aponta-se muitas  
vezes, senão sempre, uma clas-  
se e uma instituição, a mais res-  
peitavel do mundo pelos servi-  
ços prestados á sociedade, com  
o intuito bem manifesto de a tor-  
nar odiosa ás massas menos il-  
lustradas — o povo: é a religião  
catholica e os seus ministros.

No theatro, no jornal, no  
pamphleto, no romance, na co-  
media, nas ruas, nas praças,  
nas conversações, nos seraos  
litterarios,—a religião apparece  
sempre como thema obrigatorio  
dos chamados espiritos fortes,  
*desempoeirados*, como phantas-  
ma que os persegue por toda  
a parte, novo Protheu que toma  
todas as formas, que os assalta  
a todo o momento; e elles  
os *soidisant* amantes da ins-  
trucção do povo, apoulam a  
religião como fatora da igno-  
rancia e inimiga da instrucção;  
expectoram contra ella toda a  
bilis do seu mal disposto cora-  
ção; lançam aos quatro ventos  
da publicidade mil idéas erro-  
neas d'um cerebro enfermeço,  
sem nenhum respeito á verda-  
de historica que bem alto brada  
contra laes declamadores. Sim;  
a historia ali está a attestar que  
foi a religião, foi o clero catho-  
lico que salvou as sciencias das  
ruinas da sociedade romana cu-  
jo edificio os barbaros do norte  
desmoronaram; foi ao abrigo do  
claustro, e nas cathedraes que o  
povo ia receber a instrucção  
por todo o tempo medieval; foi  
ainda ao abrigo da religião que  
se constituiram as primeiras  
universidades que houve na Eu-  
ropa.

Se não fôra ella, a religião,  
onde estariam hoje as sciencias?  
Que seria hoje a Europa? Uma  
horda de selvagens, talvez ain-  
da mais barbaros, que os habi-  
tantes do continente africano.

(1) Vá com o estímulo aos professores confe-  
rentes.

(Nota da redacção).

Haja vista o estado de barbarie  
em que se acham os povos, on-  
de a luz benéfica do Evangelho  
não poude ainda diffundir seus  
luminosos raios. Mas se a reli-  
gião e o clero nunca foi nem  
hoje o é, inimigo da instrucção  
primaria, quaes serão então os  
seus inimigos?

Onde haverá alguém hoje, no  
seculo das luzes e do progresso  
em tudo, até na maldade, que  
impugne, que ataque, que se  
opponha á instrucção do povo?  
Onde estará o insensato que te-  
nha a pretensão de pôr um di-  
que á corrente democratica das  
sociedades modernas, que se  
ufanam de contar no numero de  
suas conquistas mais gloriosas  
o ensino obrigatorio nos filhos  
do povo? Não estará, porventu-  
ra na mente de todos, que o po-  
vo precisa de instrucção para  
se morigerar, para se illustrar?  
Como veio, pois, o author da  
these presente trazer para a to-  
la da discussão um tal assum-  
pto—os inimigos da instrucção  
primaria? Quanto a mim, pare-  
ce-me que...

Sejamos francos, deixemo-nos  
de precauções oratorias. A ins-  
trucção primaria tem inimigos  
e bastantes, e temíveis. Já nes-  
ta casa alguns foram apontados  
nas presentes conferencias pe-  
dagogicas no relatorio ha pouco  
lido: mas ainda outros, porventu-  
ra, mais temíveis, ficaram no  
esquecimento, e para os quaes  
eu chamo as vossas attenções.

Senhores:—Ha uma associa-  
ção vastissima, cujo poder avas-  
salla todos os governos, cuja  
extensão abraça todo o mundo  
civilizado, a qual não é amiga  
da instrucção primaria:—é a  
maçonaria. Talvez, senhores,  
que esta assersão vos ferisse  
desagradavelmente o tympano  
auricular, arguindo-a de arroja-  
da ou menos justa; mas ouvi  
primeiro e depois decidireis se  
tenho razão.

Qual deve ser o fim da ins-  
trucção primaria? Se consultar-  
mos o bom senso, todo o ho-  
mem de recto pensar, despido  
de vãos preconceitos, responde-  
rá que é formar cidadãos uteis  
a si e aos outros,—bons filhos,  
bons esposos, bons chefes de  
familia, em summa; ora este  
triplice fim não se consegue, de  
certo, com a instrucção somen-  
te; porque esta dirige-se ao es-  
pirito, illustrando o; mas a mola  
real dos actos humanos, é o co-

ração, e este, só quando formado para a virtude, é que poderá praticar acções que se harmonisem com a lei do dever, da honestidade, da justiça.

(Continua.)

A. S. F.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### I

#### Braga — Hospital de S. Marcos

**O** Minho é talvez a parte do paiz mais bem suprida de estabelecimentos de caridade, e as suas duas cidades principaes, Braga e Guimarães, são as que entre todas as povoações levam a palma n'este ponto.

Falemos hoje do hospital de S. Marcos em Braga, esse formoso edificio que a nossa gravura de paginas 42 representa.

Foi fundador d'este hospital, pelos annos de 1508, o Arcebispo Primaz D. Diogo de Sousa, que, juntando os rendimentos de tres pequenos hospitaes que havia na cidade, e adicionando-lhe varios outros proventos o dotou convenientemente, encarregando a sua administração ao senado, ou camara municipal, conservando-se assim administrado até ao anno de 1559, em que o Arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres a confiou á irmandade da Misericordia, que até hoje tem sido a administradora do vasto edificio.

Com o andar do tempo cresceram os rendimentos, tornou-se acanhado o hospital para as necessidades da cidade, e tentou-se uma reedificação mais ampla, mais em harmonia com as condições d'uma cidade de segunda ordem. Não se reedificou o antigo, mas deu-se principio a uma nova edificação do actual hospital, ali pelos annos de 1770 a 1780, concluindo-se em 1836.

Levanta-se este elegante edificio na praça dos Remedios, tendo ao centro o templo ornado com quatro columnas e cinco estatuas, e ladeado pelas duas partes do hospital coroadas tambem de estatuas.

A igreja é d'uma só nave, e tem magnifica obra de talha dourada.

Depois da extincção dos dizimos, por obra e graça da

*brincadeira* de 1834, ficou o hospital de S. Marcos reduzido aos juros que recebe, aos legados não cumpridos e ás esmolas que lhe são doadas.

Tem doze enfermarias e botica propria, e o serviço é hoje feito pelas benemeritas filhas da caridade, as Irmãs Hospitalieras.

Este hospital que honra a cidade de Braga, é um dos melhores do paiz.

### II

#### Ao sair da escola — o amor das Irmãs de Caridade pelas creancinhas

E' formosissima a segunda gravura do presente numero. O auctor assistiu, de certo, muitas vezes ao sair das creanças, de uma escola dirigida por Irmãs de Carida; porque dando ao quadro a graça e as diferentes peripecias, que tem tudo onde entram creanças, não se esqueceu de apresentar tambem o amor, o desvello que as bons Irmãs dispensão ás creancinhas que lhe são confiadas. Por isso, á porta da casa, vendo os pequenos e as pequenas escolares desfilar, abrindo umas os guarda-chuva, tomando outras ao collo as irmãsinhas mais novas, lá deixou a figura sympathica da Irmã professora, com o rosto alegre, com os olhos no espaço, interrogando-o se achava ser muita, e se as suas pequenas discipulas chegaram a casa sem se molharem, e, emquanto com uma das mãos segura o seu rosnario, o amigo inseparavel das filhas da caridade, com a outra, lançada fóra da porta, procura informar-se do estado do tempo.

Fitae o quadro leitores; vede-o attentamente, e dizei depois se, elevando-se em meio d'aquelle grupo de creancinhas, não é a mais bella estatua da graça, da virtude, da caridade, da abnegação, a figura esplendidamente formosa da Irmã da Caridade!

No meio de esboroar medonho da actual sociedade, d'envolta com o derrocar das instituições catholicas pelos vandalos do seculo dezenove, consola-vér, como iris de bonança, arqueando-se por sobre a geração nascente, a heroica Irmã da Caridade; porque ha-de ser ella, com todo o pessoal docente da escola catholica, quem ha-de,

se não sustar na sua queda, ao menos, formar uma nova sociedade.

Salve, Irmãs da Caridade!

## SECÇÃO NECROLOGICA



**T**ROUXERA-NOS ha dias o correio a dolorosa noticia do fallecimento da Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Maria José Santos Goldbergh, de Lagos. Senhora de muita virtude, e devota, era assignante do *Progresso Catholico*, e, como todos os bons catholicos, sua amiga, devendo-lhe, por isso, não poucos serviços, que agora terão sido recompensados na Bemaventurança, onde, de certo, gosará a felicidade dos justos.

A sua virtuosa irmã, a Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Francisca Vicencia Santos Goldbergh, enviamos a funda expressão do nosso pesar, e pedimos ao Senhor lhe dê a resignação necessaria para achar conforto nas lagrimas com que orvalhar a campa da irmã querida, e nas orações que por ella fizer chegar ao throno de Deus. E a nossos leitores e amigos rogamos a caridade de uma prece pela alma da amiga do *Progresso Catholico*.

Repentinamente foi chamado á presença do Eterno a alma d'um outro nosso amigo e leitor, o snr. José da Costa Mascarenhas, fervoroso catholico da Covilhã, e tão fervoroso que a morte, cortando-lhe os fios da existencia de repente, não o achou desprevenido, porque se havia confessado na vespera.

Paz á sua alma, resignação aos seus parentes, e, como suffragios as preces de todos os nossos leitores.

Está de luto um dos mais dedicados amigos do *Progresso Catholico*. O Rev.<sup>mo</sup> P.<sup>e</sup> Ernesto Schmitz, sacerdote illustradissimo a quem a Ilha da Madeira tanto deve, e a quem o seminario do Funchal deve importantes serviços como seu director espirital, acaba de perder sua mãe, longe de si, em terras distantes, e sem a consolação do ultimo adeus.

Padre, e alem id'isso catholico fervoroso, hade o nosso amigo ter achado lenitivo junto á cruz da Redempção, junto da qual nos ajoelhamos tambem, para acompanhar

em suas orações o filho enlutado, a quem damos pezames sentidíssimos, rogando a todos os nossos leitores offerterem uma prece por alma da fallecida senhora.

Outro assignante e amigo enlutado, o snr. José Joaquim da Silva Guimarães, negociante d'esta cidade. Perdeu também a mãe, e por isso achará também a sombra da cruz, que é balsamo para os mais doridos golpes, que é consolação para todas as amarguras.

Associamo-nos à dor que opprime este amigo nosso, e imploramos de todas as costumadas orações, como suffragio por alma da fallecida.

Ainda outro, e pelo mesmo motivo, coberto com os crepes da dor. O R.º P. M. Vieira Diniz, perdera também a mãe, e por isso vamos nós, catholicos e agradecidos, levar-lhe a consolação de nossas orações, com as de todos os amigos do *Progresso Catholico*, que as não recusarão a nenhum de nossos irmãos.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

COMO n'um dos passados numeros disseramos tinhamos uma noticia agradável que dár aos nossos leitores, e vamos hoje cumprir a promessa que fizemos.

Sabiamos que as benemeritas Irmãs Hospitaleiras, que derijem as escolas e o hospital da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco d'esta cidade, haviam projectado, ajudadas pela meza administradora da mesma casa, estabelecer, entre as alumnas da escola, a Pia União das Filhas de Maria.

Realizou-se o ideal das boas Irmãs e é da realisação d'essa grandiosa ideia, que nós vamos, como prometteramos, falar a nossos leitores.

O dia 8 do corrente, consagrado á Conceição Immaculada da SS. Virgem, foi o escolhido para a instalação da sympatica, civilisadora, e poetica agremiação das formosas e innocentes creancinhas que o habito do Patriarcha da Penitencia acolhera sob suas dobras. A's sete horas da manhã o fervelhar das creancinhas de uma para outra parte, vestidas de branco, toucadas de flores e com a alegria a espelhar-se nos rostos, dava signal da grande festa prestes a realisar-se. A's oito horas, depois da missa, a que assistiram todas as alumnas da escola, e as Irmãs directoras, com a assistencia da meza da Veneravel Ordem, presidida pelo

seu digno ministro o Ex.º Sr. João Antonio d'Almeida, fizera um discurso admiravel, o jovem sacerdote e nosso amigo Padre Manuel Lopes Martins, que, apresentando o quadro horrivelmente medonho onde a mulhor do paganismo sustentava o peso das cadeias da mais vil escravidão, e o formosissimo quadro do christianismo onde a mulhor ostenta a coroa da realza em qualquer dos estados de Virgem, esposa e mãe, mostrou até á saciedade os bens inumeraveis que á sociedade advieram com a plantação da frondente arvore que, ha mais de dezoito seculos cobre a familia catholica.

Falou em seguida da Pia União das Filhas de Maria, historiou a sua fundação os bens que tem produzido e os fructos saborosissimos que ha-de produzir ainda. Mostrou as graças que o Summos Pontífices lhe tem dispensado, e apontou as pequenas filhas de Maria, como o fermento d'uma sociedade nova, emoldada nos principios catholicos, purificada nas salutaes doutrinas do Jesus Christo.

Podemos dizer: se o christianismo carecesse de provas da sua vitalidade, a festa de que fallamos, prova e assim como se o Padre Lopes Martins não tivesse alcançado o nome de orador notavel, grangeado o tinha no sermão pregado ás Filhas de Maria.

Depois do sermão commungaram as meninas que iam ser filhas de Maria, em numero de 35, fazendo este acto com todo o fervor e recolhimento, como convinha a meninas, que tem por directoras as Irmãs Hospitaleiras. Seguiu-se o acto da admissão e imposição das medalhas, acto comovente, quadro sublime de innocencia e fervor religioso, e tão comovente e sublime, que nos achamos sem forças para o descrever; faremos, porem, uma exata discripção d'elle, dizendo que em muitas faces vimos lagrimas, que em muitas restos advinhamos as comoções que da alma vinham.

Presidia ás novas Filhas de Maria a Ex.ª Sr.ª D. Josepha Carolina de Mattos Chaves, Secretaria da antiga associação de Senhoras que ha muitos annos aqui existe, sob o titulo de Filhas de Maria, e que é, digamol-o sem receio e livremente, ainda que a alguém pese esta franqueza, o typo da verdadeira mulhor christã, e que, sem se envolver no habito monastico, pode servir de modelo ás verdadeiras religiosas.

O acto da consagração á Virgem, que uma das meninas fez em nome de todas mostrou também a fé e o fervor religioso, que as boas Irmãs sabem infeltrar na alma de suas educandas.

Tocou, porem, as raias do sublime a festa, no final, quando um coro de vozes virginaes se fez ouvir. Todos os

rostos se voltavam para o coro da egreja, e um estremecimento nervoso, parece, moveu todos os assistentes. Respondia a este coro um outro, das Filhas de Maria, postadas no corpo da egreja, e ambos, com uma certeza, tão bein compassados, tão esplendidamente harmoniosos, que a gente, ouvindo-os, julgava-se escutando cantoras d'ha muito amestradas na formosa arte.

Verdade seja que, assim como todas as pequenas Filhas de Maria, acharam para Presidente a piedosa senhora que já mencionamos, as cantoras acharam para as ensaiar, para as guiar, para lhe abrir as portas da arte de cantar, a Ex.ª Sr.ª D. Emilia Chaves, irmã da Presidente, que ambas acceitaram, o da melhor vontade, acompanhar as Irmãs e ajudal-as na grandiosa ideia da criação de tão sympatica União.

A todo o acto assistiu a Meza da Ordem, e foi o seu digno ministro quem fez a chamada das meninas que haviam consagrar-se, que ministrava o vaso da agua na comunhão, o que por todos os modos se empenhou para que esta festa se revestisse das pompas merecidas.

Está, pois, instalada em Guimarães a Pia União das Filhas de Maria, só para creanças, e cabe, por isso, redobrada honra á Ordem franciscana, porque já a Pia União das Filhas de Maria, de Senhoras, foi instalada na sua egreja pelo Rev.º Padre Rade-maker, de saudosa memoria.

Como catholico não podemos deixar de render mil louvores ás benemeritas Irmãs, ás Ex.ªs Senhoras Chaves, e a mais duas Filhas de Maria que as acompanharam sempre. Como filho de Guimarães abraçamos, segunda vez o nosso patricio Padre Martins, pelo brilho que imprimiu a esta festa com o brilhante sermão que fez, sem outra recompensa que a gratidão das pequenas Filhas de Maria, que agradecerão com suas preces o primeiro serviço feito. Como franciscano, damos mil parabens á Meza da Ordem, e principalmente ao dignissimo ministro, e a nós mesmo, porque, da gloria que á Ordem cabe, um pouco nos toca também como filho da mesma Ordem, que nos presamos de ser.

Não esqueceremos também os serviços que o nosso amigo snr. Calisto prestou á nascente União, o agradecemos acaloradamente.

Dos progressos que almejamos á nascente Pia União, iremos informando os leitores, mesmo para estimular a seguir o exemplo.

—Offertado pelo Ex.º Sr. Conde de Margarido recebemos um quadro esplendidamente littographado com os nomes das senhoras que offereceram

uma bandeira á commissão de vigilancia.

Muito agradecemos a S. Exc.<sup>a</sup>, não só a offerta, mas a certeza que nos dá com ella, de que conhece o nosso humilde quinzenario.

São incansaveis estes missionarios catholicos, estes obreiros da civilização, estes fortes sustentaculos do progresso e da liberdade dos povos. Agora chegaram de Athey em Mondim de Basto, contentes, muito alegres da sua vida, porque... sabem porque? Porque conseguiram que se fizessem varias restituções; porque juntaram tres pares que estavam em divorcio; porque finalmente promoveram uma communhão de mais de mil pessoas, além de uma outra de creanças.

Ora vejam lá o que elles fizeram, e pelo que se alegraram! E os jornaes da liberdade, equaldade, e fraternidade, a dizer que elles, os missionarios andam p. r esse reino fora a roubar raparigas das casas paternas, a levar a desordem ao seio dos familias e a perturbar a ordem e o regular andamento dos negocios publicos!

A enganar a gente, estes periodiqueros d'uma figa! Vá a gente fiar-se n'elles!

E' verdade que elles de quem beram mais é dos Jesuitas, e os missionarios de que fallamos não são Jesuitas, pois não? Eis os seus nomes:

Padre José Bacellar, Padre José d'Oliveira, Padre Antonio Joaquim da Silva, Padre Manuel do Valle, o Padre Silva Leitão; podendo-se-lhe agregar o parochio da freguesia, Padre Borges e o cura, o Padre Victorino Teixeira Pires, que foram os promotores da missão, ao que pareço.

A missão durou dezoito dias, terminando no dia 25 de novembro.

Um jornal dava ha dias a noticia seguinte, que, com muito pesar transcrevemos:

«Mr. Tomas Gray, secretario do ministerio da marinha britanico, procedendo sobre informações do consul inglez na ilha da Madeira, acaba de publicar um aviso aos navegantes, em que aconselha aos capitães de navios inglezes, que aportarem áquella ilha, a que não deixem saltar em terra os seus marinheiros, porque são logo assaltados por gente de má nota que os provoca á embriaguez e os rouba depois de embriagados; que as auctoridades locais não adoptam providencia alguma para impedir estes abusos, antes só intervêm para castigar os marinheiros severamente; que na Madeira ha um odio especial á marinhagem dos navios inglezes, e que os madeirenses, á mais leve provocação, fazem uso de armas.»

E' triste, muito triste ouvir assim fallar de compatricios nossos! Mas, para nós, que conhecemos certos espiritos.... baixos e vis, que abundam na Madeira, não é caso para admirar, porque os heroes d'essas proezas, que os inglezes lamentam, são, de certo, os mesmos que insultam o venerando Prelado da Madeira; que levam cantatas indecentes para junto das casas onde vivem as Irmãs da Caridade, o que fazem arruaças para perturbarem os actos religiosos. Devem ser esses os borrachos que maltratam os inglezes, devem ser esses os desordeiros que insultam a bandeira da Patria.

Será verdade? Os jornaes dizem:

«Noticiam de Beja que no paço episcopal d'aquella diocese fôra recebida uma portaria do ministerio da justiça, participando que el-rei havia concedido o regio beneplacito á carta encyclica de Leão XIII *Prograta Nobis accilit* e que a mesma portaria encerrava uma censura aos bispos do reino por terem dirigido ao santo padre uma manifestação collectiva sem o previo conhecimento do governo.»

E ha-de ser verdade, ha-de, porque o governo progressista não deve ficar a tras do governo regenerador. O que sentimos é que a primeira noticia partisse do paço episcopal de Beja...

Pelo que se vê os ministerios, para serem inimigos da Igreja, não carecem de ter Chagas, basta que sejam chagados pelo liberalismo. Mas, diacho! nem depois do papelete «Clero Portuguez» ter dado a sua opinião ácerca da mencionada *Encyclica*, os Bispos se podiam reunir para a agradecer ao Papa?!

Vá um presente de Natal aos inimigos dos Jesuitas, para que elles fiquem sabendo quem são os bicharocos com quem se metem:

«O director geral d'esta respeitavel ordem dos Jesuitas publicou uma estatistica, pela qual se vê que a Companhia de Jesus tem 2:500 missionarios espalhados por todo o mundo. Além d'isso a ordem tem tido 248 santos, 1:500 martyres, 14 Papas, 61 cardeaes, 4:000 arcebispos, e 6:000 auctores de diversas obras.»

Uns *asnos*, simplesmente, e nada mais! E' por causa d'estes algarismos que os jornalecos da parbalhice berram dos Jesuitas; porque, dizem elles lá com os seus botões: Que faremos nós, com o nosso arengar, diante de 2:500 Jesuitas missionarios?

Que fazemos nós, com os nossos heroes da palermice, deante de um inimigo que tem nos altares 248 dos seus membros?

Que somos nós, e os nossos mar-

tyres, todos, em frente d'esses 1:500 martyres, que deram a vida pela fé, pela liberdade, pelo bem estar do seus irmãos?

Que somos nós, com os nossos bispotes, com os nossos gran-mestres diante de um phalange que já deu á Igreja 14 Papas; nós que só damos papamoscas?

E, como podemos nós ter importancia, deante d'uma associação, que tem inscriptos no cathalogo dos cardeaes e arcebispos, 4016 nomes?

E nas sciencias, nas letras, quem ha-de lembrar-se de nós, apesar dos nossos artigos, feitos por rapazes ou por quem não tem cobres, e almeja os dos outros, quando os Jesuitas occupam todo o espaço, em todos os dictionarios bibliographicos do mundo, com os nomes dos seus sabios.

E dizem bem, seus pandegos! Quem sois vós em face d'esse exercito aguerrido, bem disciplinado e melhor organizado, senão uns caranguejos perdidos em meio d'um mundo de gigantes?

Mas é por isto que elles, os das luzes, andam afflictos, mal encarados, estupidos, arremetendo contra inimigos que não vê u, mas que presentem em tudo o por toda a parte pela sombra que lhe fazem.

Para que havia de dar a telha ao pobre do homem! Alguns jornaes dos que gostam de botar espirito, publicaram a seguinte *engraçada* noticia:

«Está detido no governo civil de Lisboa um pobre louco, habil sapateiro, que, em vez de cortar solas, queria cortar a cabeça aos padres. Para isto, chegou a mandar fazer uma foicel!

O pobre homem requereu ao supremo tribunal de justiça que mandasse embarcar até ao dia 8 de dezembro todos os padres e sair a barra, acto seguido!»

E' nada mais e nada menos, que a mesma loucura do que sofre o «Seculo», o «Primeiro de Janeiro», o «Jornal de Basto», e toda essa rapaziada que por ahí berra contra os Jesuitas, incluindo até, pois porque não? os da «Juventude», de Villa Real. Ha só uma differença, e vem a ser, estes pedir a morte ou a expulsão só dos Jesuitas, e aquelle o extremio de todos os padres; é talvez, por estê facto, que os jornaes que querem a morte dos Jesuitas ainda não foram presos, porque teem a *caridade* de deixar ficar ainda alguns padres, que são necessarios para as eleições e para outros mysteres. Nós, porém, consideramol-os reus do mesmo crime, e, ou os mandavamos para a cadeia tambem, ou deixavamos em paz o pobre sapateiro, que será louco, mas não será um patife de marca gorda.

J. de Freitas.